

## **Transversus: projeto experimental de reportagem multimídia 360° sobre a transgeneridade<sup>1</sup>**

Ana Carolina MORA<sup>2</sup>

Gabriela PINCINATO<sup>3</sup>

Marina Beatrice Lucy de SORDI<sup>4</sup>

Maurício de Oliveira Amendola ASSIS<sup>5</sup>

Virgginia Maria Fachini LABORÃO<sup>6</sup>

Celso BODSTEIN<sup>7</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

### **RESUMO**

O projeto Transversus consiste em uma reportagem 360° que através de recursos multimídia coloca em debate as várias facetas da transgeneridade, englobando a transexualidade e a travestilidade, fenômenos em que os indivíduos transitam entre os gêneros feminino e masculino. O produto jornalístico em questão é um site que se utiliza da linguagem não-linear e da interatividade para que o internauta navegue pelo conteúdo presente em sete perfis de pessoas transgêneras e seis reportagens multimídia com uma visão jornalística ampliada, aprofundada e ética sobre a patologização das identidades transgêneras estipulada pela Organização Mundial da Saúde e suas implicações nos âmbitos médico, psicológico, antropológico, sociológico, filosófico e jurídico.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade de gênero; jornalismo multimídia; reportagem 360°; transgêneros

### **1. INTRODUÇÃO**

O projeto experimental Transversus tem como proposta problematizar a classificação de “transtornos de identidade de gênero”, categoria estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, o pano de fundo que perpassa o projeto, bem como o seu principal gancho de atualidade, é a “patologização” da condição de transgênero, e, por consequência, os desdobramentos sociais, culturais e jurídicos desse panorama. Para explorar com a abrangência e profundidade que o tema indubitavelmente exige e, além disso, para se estabelecer um fazer jornalístico sob uma perspectiva

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo digital (avulso/ conjunto ou série).

<sup>2</sup> Recém-graduado no Curso de Jornalismo, email: acmorax@gmail.com.

<sup>3</sup> Recém-graduado no Curso de Jornalismo, email: pincinato.gabriela@gmail.com.

<sup>4</sup> Recém-graduado no Curso de Jornalismo, email: marina.desordi@gmail.com.

<sup>5</sup> Recém-graduado no Curso de Jornalismo, email: mauamendola@gmail.com.

<sup>6</sup> Aluno líder do grupo e recém-graduado no Curso de Jornalismo, email: virgginia.lab@gmail.com

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: bodstein@iar.unicamp.br.

inovadora, experimental, estética e interativa, a modalidade escolhida foi a multimídia, especificamente o gênero de reportagem 360°.

Esse gênero define-se como uma nova forma de informar a partir de todos os ângulos de abordagem de um tema, levando-se em conta todas as possibilidades que a web proporciona. Os estudos acadêmicos sobre reportagem 360° ainda permanecem lacunares, tendo em vista o desenvolvimento contínuo da web. No entanto, é possível apreender que o gênero propicia pelo intermédio de imagens e sons exibidos em documentários e fotografias a possibilidade de “transportar o leitor” ao conteúdo e permitir a interação com ele. Além disso, o internauta pode optar por onde deseja começar a leitura das informações por diferentes ângulos disponibilizados na plataforma multimídia, conferindo liberdade de interpretação ao leitor, bem como do caminho de navegação a ser traçado por ele, possibilitando a chamada leitura não-linear (ORMANEZE, 2012).

Com o intuito de problematizar as classificações relacionadas à patologização das identidades transgêneras, o projeto experimental Transversus produziu sete perfis multimídias de pessoas com histórias que evidenciassem diferentes experiências de transgeneridade entre si. O termo transgeneridade é utilizado em sua forma inclusiva, de forma que abarque identidades de pessoas que se identificam como transgêneras, transexuais ou travestis.

No projeto, foram produzidas também seis pautas multimídia sobre assuntos correlacionados à existência transgênera, como cirurgias para mudanças corporais ou marginalização social, nas quais os nove especialistas selecionados revelaram os conflitos entre as conceituações feitas por áreas do conhecimento como direito, medicina, antropologia, sociologia, filosofia e psicologia. Os perfis e pautas multimídias foram produzidos de modo que os vídeos, os textos – em linguagem descritiva literária no caso dos perfis – e os ensaios fotográficos dialogassem entre si, formando um conjunto orgânico do ponto de vista do conteúdo.

## **2. OBJETIVO**

O projeto objetiva, tendo como central a problematização da patologização da transexualidade colocada pela Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS), discutir os preconceitos sociais com as diferentes identidades de gênero, geralmente confundida com orientação sexual; revelar histórias

daqueles que passaram pela experiência da descoberta de um “transtorno de identidade de gênero”; mostrar a instabilidade dos limites das classificações de gênero na perspectiva das vivências da transgeneridade, sendo que tudo isso se mescla com os conflitos de opiniões dos especialistas sobre o tema nas ciências humanas e nas biomédicas.

Em suma, o Transversus busca – a partir de textos, vídeos, áudio e fotografia numa plataforma digital – problematizar e expor jornalisticamente as histórias de vida e os obstáculos em diversas esferas vivenciados pelo transgêneros, a fim de que se traga publicamente o que circunda essa temática, mas que ao consciente coletivo permanece um tanto esquecido, por trás de preconceitos e receios advindos da insipiência ou da incompreensão da complexidade do tema.

### 3. JUSTIFICATIVA

O Transversus se justifica jornalisticamente, tendo em vista a ausência de abordagem aprofundada dos meios de comunicação – fundamentalmente de massa e, em consequência, aquele que assenta o imaginário popular – sobre o tema, sendo que a maioria das publicações se restringe às seções policiais ou acabam por transformar em espetáculo dramas individuais sem que se leve em conta os reais entraves que o cercam, tampouco a rede de relações sociais extremamente delicada que se desenvolve no entorno dos – assim cunhados pela OMS – portadores de “transtorno de identidade de gênero”.

O projeto é relevante na medida em que alcança diversas circunferências do meio social, afinal trata-se de uma temática que extrapola até mesmo o fator de atualidade ou referente ao processo histórico, sendo uma reflexão a respeito da própria experiência humana e a mistura (por vezes conflituosa) de sua natureza/essência – aliada a determinismos biológicos – com as construções socioculturais.

Na perspectiva ética, o projeto experimental justificasse na medida em que compreende que o jornalismo incute impactos na sociedade que podem romper preconceitos e desmistificar o senso-comum.

De forma que o que pode haver de melhor na imprensa é aquilo que contribua para o aperfeiçoamento dos princípios e dos valores sobre os quais repousa a sua própria liberdade (BUCCI, 2004, p. 18)

Se o jornalismo se ancora na defesa da liberdade, da justiça e, acima de tudo, na persistência por revelar o conflito e a pluralidade de opiniões e versões sobre um determinado fato ou temática, é justificável e necessária, mesmo que complexa, a tarefa de

trazer à tona a discussão de uma questão como a transgeneridade, sendo esta um fenômeno social que desestabiliza o próprio funcionamento de categorias sociais, como o gênero binário (homem/mulher), impostas cultural e historicamente na sociedade ocidental.

Na perspectiva da modalidade, o formato de reportagem 360°, por conta de sua variedade de propostas imagéticas e o próprio caráter abrangente do jornalismo online, se faz apropriado para que não se caia no lugar comum jornalístico e para que o assunto seja explorado e exposto jornalisticamente de maneira aprofundada.

#### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS**

A produção do Transversus iniciou-se com a pesquisa bibliográfica sobre a transgeneridade, tendo como principais referências as obras de Judith Butler, Berenice Bento e Jorge Leite Júnior, estudiosos das ciências humanas que analisam a transexualidade sob o viés antropológico e sociológico. Já no âmbito das ciências biológicas, foram pesquisadas obras de John Money e Alexandre Saadeh. Os documentos oficiais como a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde, portarias do Ministério da Saúde para a realização de tratamentos transexualizadores e artigos da legislação para mudança de nome em documentos também foram fontes importantes de informação.

A leitura de tais embasamentos teóricos foi essencial para sustentar o objetivo de trazer à tona os conflitos de diferentes perspectivas de abordagem sobre a transgeneridade entre os especialistas. Além disso, a equipe de produção imergiu em grupos de discussão de transgêneros, transexuais e travestis nas redes sociais durante um período de pelo menos seis meses, sendo que também participou presencialmente de um grupo de debate no Centro de Referência LGBT de Campinas.

Ao que diz respeito à plataforma online, a bibliografia de referência encontrada é escassa, tendo como principais fontes Fabiano Ormanze e publicações do jornal colombiano El País sobre seu próprio site de reportagem 360°, que serviu como exemplo para o desenvolvimento da plataforma do Transversus. Além disso, obras sobre cultura e jornalismo digital de Pollyana Ferrari, Lúcia Santaella, Pierre Lévy e Manuel Castells serviram como aparato teórico de reflexão.

Ao que diz respeito à seleção dos sete perfilados, o projeto priorizou pessoas transgêneras ainda em processo de transição de gênero e também transexuais ou travestis

com histórias interessantes da perspectiva dos valores-notícia jornalísticos (WOLF, 2002) além de serem pertinentes para as discussões que este projeto se propõe. Os personagens foram encontrados ou através do Centro de Referência LGBT de Campinas ou por meio de pesquisas interpessoais.

Uma atriz transexual que realizou cirurgia de readequação sexual, Phédra de Córdoba, e uma travesti profissional do sexo, Michele dos Santos, foram selecionadas como fontes interessantes para discutir os percalços da transgeneridade e estereótipos. Além disso, duas mulheres trans em processo de transição e com histórico de ativismo pelos direitos das pessoas trans, a filósofa Leila Dumaresq e a artesã Esther Pereira, foram selecionadas. O projeto selecionou também três homens trans, sendo eles o agente penitenciário Juliano Maziero, o assessor jurídico Régis Vascon e o músico Erick Barbi, para evidenciar questões em relação a intervenções corporais, mudança de nome em documentos oficiais e constituição familiar.

Já no âmbito das fontes especializadas no tema, o projeto selecionou autoridades no debate sobre a questão sob a perspectiva de diversas áreas. No âmbito médico, escolheu-se o psiquiatra Alexandre Saadeh do Hospital das Clínicas de São Paulo. Também na área da saúde, a diretora do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais do governo do estado de São Paulo, a psicóloga Judit Lia Busanello, foi selecionada. O PhD em medicina Jalma Jurado foi escolhido por ser pioneiro na cirurgia de readequação sexual. Em Campinas, a psicóloga Bárbara Menezes foi selecionada, por conta do trabalho de acompanhamento de pessoas em processo de transição de gênero.

Na área das ciências humanas, o projeto selecionou uma autoridade nos estudos sobre transexualidade, o professor e doutor Jorge Leite Junior, professor da Universidade Federal de São Carlos. A filósofa Marcia Tiburi também foi escolhida para discutir gênero e sexualidade, além da autonomia do sujeito e a corporeidade. O mestre e professor da PUC-Campinas, Tiago Duque, estudioso das travestilidades, também foi selecionado. Já no âmbito jurídico, foi escolhido o advogado Eduardo Mazzili, especialista em direito civil e atuante em casos de troca de nome de pessoas trans. O juiz Luiz Antonio Torrano, diretor da Cidade Judiciária de Campinas, também foi selecionado como fonte para elucidar questões ligadas à legislação.

O Transversus não conta apenas com textos informativos objetivos cujas fontes centrais foram os especialistas, mas apresenta como parte fundamental perfis de pessoas transgêneras em formato multimídia. Tais perfis objetivam não só descortinar realidades

individuais, mas também sociais, culturais e políticas. Sendo assim, utilizaremos o conceito de “perfil humanizado” para a produção das entrevistas, minidocumentários e perfis escritos de nossos perfilados. Segundo Cremilda Medina (2002), o perfil humanizado é construído através de “uma entrevista aberta, que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, históricos de vida” (MEDINA, 2002, p. 18).

É nesse contexto que surge o diálogo entre história oral e a prática da entrevista no jornalismo. A história oral tenta trazer as experiências e memórias de pessoas isoladas ou grupos que vivenciaram ou testemunharam um fato, de modo a construir uma narrativa que permita estudar a sociedade a partir de depoimentos, podendo ser utilizados em conjunto ou como alternativa à tradicional centralização da busca de informações na documentação oficial. (MEIHY, 2005). O projeto utilizou preceitos dessa técnica aliada à entrevista temática, postulada por Nilson Lage (2001), na qual abordamos temas de domínio do entrevistado, que foram previamente selecionados como preconceito social, mudanças corporais e passabilidade, para evocar o imaginário pessoal. Dessa forma, foi possível se utilizar de artifícios também para se escrever o texto humanizado, descritivo e literário, para os perfis multimídia.

## 5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A reportagem 360° Transversus foi idealizada em formato multimídia, ou seja, o trabalho foi hospedado em uma plataforma digital com a premissa de explorar as possibilidades multimídia da web. Segundo argumenta Ormaneze (2012), na reportagem 360°, o leitor pode, a partir de uma tela introdutória sobre um determinado assunto, escolher qualquer percurso de leitura e sobre qual perspectiva temática deseja ter informação, desde reportagens até perfis de personagens, como é pensado este projeto experimental.

Com essa definição simples, no entanto, o jornal conseguiu criar uma reportagem que utiliza os hiperlinks de forma que não distancia o leitor do assunto principal e mostra que o webjornalismo não precisa se prender apenas ao imediatismo e à competição para saber quem traz a informação mais rápida, elementos importantes, mas não únicos no ciberespaço (ORMANEZE, 2012, p.4)

Nessa perspectiva, o design que rompe com a tradição de colunas e textos abre possibilidades que vão além da hierarquia costumeira de informações textuais. Na *home* do site Transversus, isto é, na página de abertura, uma sequência rotativa de fotos é

vislumbrada pelo internauta, sendo a porta de entrada para os perfis multimídia produzidos sobre cada um dos perfilados. Outra possibilidade do internauta é clicar em um dos links para as reportagens multimídia, distribuídas dos dois lados da sequência rotativa de fotografias. A partir disso, realizou-se o planejamento de hiperlinks entre perfis e reportagens que constroem a teia de navegação pelo site.

A plataforma foi planejada para que todo o conteúdo, em textos, fotos e vídeos, dialogassem entre si, sem a repetição de informações. A leitura não-linear se apresenta na possibilidade de acessar as reportagens multimídias produzidas para integrar o site, intituladas “CID 10 F64”, “Sob o Véu”, “XX XY”, “Corpus”, “No papel” e “Estigma”, que revelam, respectivamente, os conflitos sobre a patologização, a heteronormatividade na sociedade, o binarismo de gênero homem/mulher, as intervenções corporais do processo transexualizador, os entraves jurídicos para mudança de nome e o preconceito social, e que foram relacionadas por meio de links aos perfis e aos ensaios fotográficos dos perfilados.

Com relação à edição do site, o grupo teve como percepção que o layout da página de reportagem 360° é um dos fatores mais cruciais para que sejam possíveis características próprias do gênero como a leitura não-linear e a imersão em imagens. Além disso, o apreço estético e o design também são elementos necessários para que haja uma ruptura com o tradicional dos portais de notícia.

Partindo do pressuposto de que o computador é uma nova mídia e que o usuário não o opera, mas interage com ele, a lógica do design gráfico digital é a de que o projeto tem que ser elaborado para ser experimentado e não simplesmente utilizado. Pois a condição da informação na rede é a ação (BOLTER e GROMALA, 2003c, p.24, MANOVICH, 2001a, p.227), que exige que a interface seja dinâmica e não uma série de telas estáticas. (MOHERDAUI, 2008, p. 7).

Ainda em relação ao design do site, houve a preocupação de não utilizar em cores relacionadas com ao estereótipo de gênero feminino e masculino. Sendo assim, optou-se pelo roxo, que consiste na mistura das cores máximas da representatividade do binarismo de gênero, isto é, o rosa e o azul. Para contrapor ao roxo, o Transversus escolheu o amarelo, já que é um tom enérgico, o que representa o dinamismo de uma questão como a transgeneridade.

## 6. CONSIDERAÇÕES

A fuga dos clichês, categorizações e idiossincrasias que circundam a abordagem de temas que, indubitavelmente, questionam padrões sociais vigentes foi algo pelo qual o grupo prezou, fazendo com que confrontássemos a nós mesmos, nossos preconceitos (nem sempre anunciados ou sequer conhecidos) e nossa própria bagagem cultural. Para isso, nos alertávamos cada vez mais para a importância de sempre revisitarmos a bibliografia e o principal: conceber a arte jornalística de entrevistar uma fonte, como, de fato, uma negociação. Negociação esta que exige – a fim de alcançar o horizonte pretendido – sensibilidade, atenção e seriedade.

Tivemos em nossa frente não só o desafio de retratar uma temática extremamente intrincada, com uma miríade de relações em diversas áreas do conhecimento humano, mas também a provocação de podermos experimentar um gênero jornalístico completamente novo. Mesmo com a dificuldade de termos escassa bibliografia teórica em mãos e até mesmo pouco conhecimento prático do novo gênero, vivenciar uma experiência inovadora no jornalismo multimídia 360° nos estimulou para que a todo momento trabalhássemos para produzir textos, vídeos e fotografias de qualidade.

Além disso, o jornalismo nos revelou um de seus mais vitais papéis, o de dar voz a quem foi emudecido por qualquer forma de supressão da liberdade. A lição que incorporamos é a de que o jornalista, entre milhares de competências um tanto mais específicas, deve ser um militante da liberdade, seja lá o que essa palavra expressa e significa, mas de fácil compreensão de todos. Sendo assim, o Transversus propõe-se como um projeto de ruptura não só no que concerne ao tema da transgeneridade e as consequentes quebras de imaginários cristalizados socialmente, mas também de cisão com as mídias tradicionais para a emergência de uma nova forma de jornalismo na web.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Massachusetts: The MIT Press, 2001.



MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MOHERDAUI, Luciana. **Em busca de um modelo de composição para os jornais digitais**. São Paulo: Contemporânea, vol.6, 2008.

ORMANEZE, Fabiano. Jornalismo na internet: reflexões sobre transmídia e reportagem 360° como propostas de produção. In: JUNQUER, Ângela et al. **Novas competências na sociedade do conhecimento**. Campinas: Leitura Crítica, 2012, p. 73-80.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 7. ed. Lisboa: Presença, 2002